



Câncer com Ascendente em Virgem



Malu



Enterre Seus Mortos

Divulgação



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

# Nas brasas do requinte

Seleção vigorosa de expressões autorais, na ficção e no documentário, vitamina a *Première Brasil*, que termina, nas raias do espanto, com ‘Enterre Seus Mortos’

**E**ncruzilhadas da acomodação de feridas sociais arcaicas, de traumas do governo Bolsonaro e de angústias identitárias se abriram nos últimos sete dias em que a *Première Brasil* do Festival do Rio 2024 renovou o arsenal simbólico do cinema nacional numa competição que encontrou em “Kasa Branca”, de Luciano Vidigal, a expressão mais lúdica da resiliência de nosso povo.

A história sobre a amizade de três jovens pobres da Chatuba, em Mesquita, deu à disputa pelo troféu Redentor sua sequência mais bonita. Nela, um rapaz (Big Jaum) empurra a cadeira de rodas de sua avó (Teca Pereira) até o alto de uma estação de trem para que ela, num embate contra o Alzheimer, vislumbre a beleza de um mundo suburbano, longe do mar, movido a trilhos e comboios lotados.

Muitos outros títulos de requinte surrupiaram o fôlego da plateia, a se destacar o encantamento gerado pela fricção geracional das mulheres de “Malu”, na arrebatadora atuação a três de Yara de Novaes, Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte.

Fez-se encanto ainda no estudo (em P&B) sobre choque de



Kasa Branca



A Queda do Céu

culturas proposto em “Retrato de um Certo Oriente”. É dele a fotografia mais elegante (clificada por Pierre De Kerchove) da mostra competitiva deste ano, pelo que se viu até hoje, quando o jogo pode mudar - por completo - com a passagem de “Enterre Seus Mortos”, de Marco Dutra. Ele chega da Espanha, onde representou o país no Festival de Sitges, a Meca da fantasia e do terror.

Dutra vinha esmerilhando sua carpintaria em parcerias com Juliana Rojas (“As Boas Maneiras”) e Caetano Gotardo (“Todos os Mortos”). Agora, em sua terceira

expressão solo em longas, o cineasta paulista trava conexão com a prosa da romancista Ana Paula Maia. Fã de Charles Bronson e de “Desejo de Matar” (1974), a escritora criou um universo em brasa sobre os instintos que nos preservam das castrações do cabresto civilizatório.

É essa chama que a gente espera de um bestiário que traz um titã - Selton Mello - como protagonista. Na trama aplaudida em Sitges, Selton interpreta Edgar Wilson, cujo trabalho é remover animais atropelados em estradas. Seu dia a dia, numa pequena cidade, movimentada por uma série de acontecimentos peculiares, é marcado por

um clima de apocalipse iminente.

“Enterre Seus Mortos” tem uma concorrência forte para driblar, a se destacar a vigorosa direção de Lírio Ferreira em “Serra das Almas”, um thriller sobre um roubo de joias vitaminado pela atuação de Julia Stockler e Mari Oliveira.

No quesito roteiro, “Manas”, de Marianna Brennand, esbanja maestria no mapeamento de uma geografia acossada pela brutalidade sexual contra menores.

Vinda de Pernambuco, como Lírio, Renata Pinheiro destróçou os limites entre sanidade e invenção com “Lispectorante”, num elegante processo de mon-

tagem. Igualmente possante é o estudo de Fernando Coimbra sobre a máfia do jogo do bicho em “Os Enforcados”, uma espécie de “Macbeth” de São Conrado, com Leandra Leal nos píncaros da excelência.

Entre os documentários em concurso, “3 Obás de Xangô”, de Sérgio Machado, deu um banho de descarrego na *Première* ao lembrar a amizade entre o compositor Dorival Caymmi, o best-seller Jorge Amado e o artista plástico Caribé, uma trinca de orixás da Bahia.

Noutra margem, centrada nas conexões do desgoverno bolsonarista com o poder neopentecostal, “Apocalipse nos Trópicos” afirmou a precisão narrativa de Petra Costa para criar cartografias políticas. A maneira (à moda Maquiavel) como ela transforma o pastor Silas Malafaia num personagem-síntese do discurso conservador é de uma precisão dramaturgic notável.

Esta noite, um concorrente de peso vem mudar as rotas do concurso documental do evento: “A Queda do Céu”, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha. Exibido antes na *Quinzena de Cineastas de Cannes*, o filme parte do livro homônimo do xamã yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert para falar sobre a cosmogonia indígena e pensar os riscos ambientais impostos pela voracidade predatória do capitalismo.

Em mostras paralelas do Festival do Rio, o Brasil fez bonito com dois belos longas. “Câncer Com Ascendente Em Virgem”, de Rosane Svartman, é uma espécie de “Rocky Balboa” da luta contra um tumor maligno, demarcando a potência da atriz Suzana Pires, com direito a uma atuação luminosa de Marieta Severo. No campo musical, “Moacyr Luz, o Embaixador Dessa Cidade”, de Tarsilla Alves, faz uma reflexão cartográfica sobre um Rio lírico que insiste em viver apesar de o Tempo tê-lo cancelado. As letras de Moacyr estão grávidas desse Rio, mas o filme vai além da placenta.

O Festival do Rio termina no domingo.